



ISSN: 2595-5713

Vol. 06 | Nº. 11 | Ano 2023

### COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO

**Alexandre António Timbane**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Rodrigo Castro Rezende**

#### Site/Contato

#### Editores

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

Rodrigo Castro Rezende  
[rodcastrorez@gmail.com](mailto:rodcastrorez@gmail.com)

# DOSSIÊ ÁFRICA: DIFUSÃO DA HISTÓRIA PELO ENSINO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

A difusão da história da África é concebida por diversos intelectuais, nos últimos anos, como uma importante ação no sentido de evidenciar aspectos que desconstruam estereótipos ou narrativas tendenciosas que ainda se repetem, oferecendo visões mais equilibradas e precisas sobre o continente africano e seus diferentes povos, afastando as homogeneizações e essencialismos que perambulam pelas literaturas, acadêmicas ou não, mundo à fora. Múltiplos esforços tem surgido nesse sentido e em diferentes campos que abrangem, de modo bastante resumido, iniciativas mais globais, como a coleção História Geral da África, editada pela UNESCO; outras como a produção de filmes e de literatura acadêmica e de ficção produzidos por autores africanos, ainda que vivendo fora da África; e, no contexto externo, como é o caso do Brasil, o estímulo aos estudos e popularização do conhecimento sobre aquele continente, muito influenciado pela Lei.10.639/2033 e seus desdobramentos, que obriga o ensino de história da África nos variados níveis.

O intelectual congolês Valentim Mudimbe já apontou que o conhecimento sobre a África que circula fora daquele continente é muitas vezes moldado por perspectivas ocidentais e por estereótipos construídos a partir de análises engessadas por ideologias e idealismos. São explicações que, conforme Ginzburg (2007, p. 7-14), vão desde o falso (não autêntico) ao fictício (o enganoso, que se quer passar como verdade). Em sua influente obra, "The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge" (1988), Mudimbe alega que o continente africano foi "inventado" e "construído" por meio da produção de conhecimento ocidental. Assim, é possível verificarmos que há uma variedade de tipologias de divulgação histórica, intencionais

ou não, responsáveis pela produção, repetição ou amplificação de conhecimentos enviesados ou enganosos.

A difusão da história da África é concebida por diversos intelectuais, nos últimos anos, como uma importante ação no sentido de evidenciar aspectos que desconstruam estereótipos ou narrativas tendenciosas que ainda se repetem, oferecendo visões mais equilibradas e precisas sobre o continente africano e seus diferentes povos, afastando as homogeneizações e essencialismos que perambulam pelas literaturas, acadêmicas ou não, mundo à fora. Múltiplos esforços tem surgido nesse sentido e em diferentes campos que abrangem, de modo bastante resumido, iniciativas mais globais, como a coleção História Geral da África, editada pela UNESCO; outras como a produção de filmes e de literatura acadêmica e de ficção produzidos por autores africanos, ainda que vivendo fora da África; e, no contexto externo, como é o caso do Brasil, o estímulo aos estudos e popularização do conhecimento sobre aquele continente, muito influenciado pela Lei.10.639/2033 e seus desdobramentos, que obriga o ensino de história da África nos variados níveis.

O intelectual congolês Valentim Mudimbe já apontou que o conhecimento sobre a África que circula fora daquele continente é muitas vezes moldado por perspectivas ocidentais e por estereótipos construídos a partir de análises engessadas por ideologias e idealismos. São explicações que, como nos ensina Ginzburg (2007, p. 7-14), vão desde o falso (não autêntico) ao fictício (o enganoso, que se quer passar como verdade). Em sua influente obra, "The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge" (1988), Mudimbe alega que o continente africano foi "inventado" e "construído" por meio da produção de conhecimento ocidental.

Assim, é possível verificarmos que há uma variedade de tipologias de divulgação histórica, intencionais ou não, responsáveis pela produção, repetição ou amplificação de conhecimentos enviesados ou enganosos. São narrativas cujas ideias centrais vão desde uma África "original" ou "verdadeira" àquela que a associa com a pobreza, doenças e instabilidade política. É por isso que Mudimbe (1988) considera importante questionar as narrativas coloniais e pós-coloniais sobre África e promover uma abordagem mais próxima das condições reais e, simultaneamente, crítica.

A propagação dos estereótipos sobre a África possui diversas consequências: a negação ou apagamento da agência histórica, das inovações, conquistas e sistemas complexos de governo, reforçando concepções de passividade ou primitivismo através de idealizações simplistas que reduzem a África e sua população aos clichês exóticos, ignorando as vozes e perspectivas locais; minimização das realizações significativas de civilizações africanas em áreas como ciência, matemática, arquitetura, arte e literatura, bem como suas contribuições para o desenvolvimento global; e, sobretudo, os impactos sobre a autoestima e a identidade das pessoas africanas e da diáspora africana, minando seu orgulho cultural e a compreensão de sua história.

Rever os modos com os quais a África é conhecida não é uma tarefa simples. Pensar as diversas formas como a história é difundida, dentro e fora do continente, implica em considerar seus múltiplos agentes e interesses. Nesse sentido, compreender alguns dos meios pelos quais a difusão

desse conhecimento se processa exige conhecer as intenções e as diferentes narrativas que são produzidas. Aqui destacamos três aspectos pelos quais consideramos ter havido, nos últimos anos, renovado interesse e ampla discussão sobre a história da África, dentro e fora daquele continente: a escrita da história, o ensino e o lugar que os patrimônios ocupam na formação de memórias. Os três aspectos compõem este dossiê com pesquisas inéditas que apresentam ao leitor aspectos fundamentais para a compressão das condições, meios, controvérsias e contestações da difusão do conhecimento sobre alguns países africanos.

O primeiro bloco de textos é composto de dois artigos que discutem, através de fontes e métodos diferentes, a escrita da História da África, verificando que entre seus desafios está a necessidade de contextualização, colando os acontecimentos históricos africanos em contexto global e evidenciando suas interações. Isso requer um conjunto amplo de fontes que vai da memória e oralidade aos documentos históricos, diários, cartas, inscrições e artefatos, além de metodologias que incluam a interdisciplinaridade e a comparação histórica, dentre outras. É nesse sentido que Toyin Falola (2008), historiador nigeriano, advoga pela incorporação de perspectivas locais em pesquisas históricas na África como uma forma de capturar as complexidades, permitindo que as próprias comunidades compartilhem suas narrativas históricas.

Nesse sentido o artigo de Isaque Pereira de Carvalho Neto, ao apresentar o historiador luso-brasileiro Eudoro de Sousa, traz contribuições para o campo da teoria e da filosofia da história. O artigo de Dayane Augusta Santos da Silva versa acerca da escrita da história da África, a partir de intelectuais africanos, quando as diversas nações africanas se tornaram independentes, sobretudo no pós-2ª Guerra mundial. A autora revela o quão androcêntrico era/ é as Ciências. O artigo contribui para questionamentos das representações do continente africano atreladas a fatores negativos, inferiorizantes e subdesenvolvidos, avançando suas ponderações também para o legado dessas representações no âmbito da historiografia africana no Brasil.

O segundo conjunto de textos dialoga, embora sem citá-lo nominalmente, com as pesquisas de Chika Okeke-Agulu (2015), historiador nigeriano, que entende que a arte africana desempenha um papel fundamental na preservação da memória, na representação do patrimônio e na narrativa da história do continente. Ele argumenta que a arte africana é uma forma de expressão cultural que encapsula a história, a identidade e a memória das comunidades africanas.

O artigo do historiador brasileiro Alex Costa, assim como a pesquisa de Okeke-Agulu (2015), aborda como a arte africana foi frequentemente deslocada de seu contexto original, muitas vezes durante a era colonial, e como o patrimônio artístico africano foi disperso por museus e coleções em todo o mundo. Ele destaca a importância de repatriar obras de arte e promover uma compreensão mais original da história e cultura africanas, em contraposição a uma visão eurocêntrica. Já o texto de Jacob Lussento Cupata, pesquisador e professor angolano do Sumbe, procura delinear como o ensino de história em Angola tem dialogado e inserido o patrimônio cultural em seu currículo.

Quase duas décadas se passaram desde que o Conselho Nacional de Educação do Brasil aprovou a resolução contendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana, cumprindo, assim, uma etapa importante no processo de implementação da Lei 10.639, promulgada no ano anterior, a qual instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica. Desde então, muito se discutiu e se escreveu a respeito das condições e dos entraves encontrados no sinuoso processo de implementação e promoção de uma educação antirracista no âmbito das escolas nacionais.

Currículos colonizados, corpos docentes despreparados e, aparentemente, pouco receptivos a causa em questão, além de materiais didáticos dotados e, até mesmo, elaborados a partir de epistemologias eurocêntricas seriam algumas das queixas recorrentes, sobretudo por aqueles e aquelas que se dedicavam ao ensino da disciplina de História. O último bloco é composto pelo artigo da historiadora brasileira Jacimara Santana, destacando o atual estágio de ebulição no campo de pesquisa em história da África no Brasil e como seu ensino tem se dado nos espaços da educação básica e superior, tanto no que concerne aos métodos quanto aos temas e fontes.

Agradecemos aos autores que submeteram suas pesquisas a este dossiê e desejamos a todos uma proveitosa leitura.

Alex Costa (UFBA), Alaíze Conceição (UNEB) e Igor Oliveira (UNILAB).  
Organizadores do dossiê “África: Difusão da história pelo ensino, patrimônio e memória.

### **Referências:**

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. **A History of Nigeria**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MUDIMBE, Valentim Y. **The invention of Africa: gnosis, philosophy, and the order of knowledge**. Indiana University Press, 1988.

OKEKE-AGULU, Chika. **Postcolonial Modernism: Art and Decolonization in Twentieth-Century Nigeria**. Duke University Press, 2015.